Missões
Revista de Ciências Humanas e Sociais

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL E DE(S)COLONIAL DE TRANSFORMAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR

VIOLENCIA EN LAS ESCUELAS: UNA PERSPECTIVA INTERCULTURAL Y DE(S)COLONIAL DE LA TRANSFORMACIÓN DEL ENTORNO ESCOLAR

VIOLENCE IN SCHOOLS: AN INTERCULTURAL AND DE(S)COLONIAL PERSPECTIVE ON TRANSFORMING THE SCHOOL ENVIRONMENT

Recebido em: 23/08/2024
Aceito em: 31/10/2024
Publicado em: 06/11/2024

Celeste Aurora da Nóbrega Calixto[1]
Dayane Lopes de Medeiros[2]

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o atual cenário educacional diante da violência na instituição escolar por um viés transformador de interculturalidade e de(s)colonialidade. Com uma pesquisa dividida em três categorias: I) Mapear os índices e tipos de violência escolar após a aplicação do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos; II) Escavar práticas pedagógicas de embate a conjuntura atual de violência no chão da sala de aula; III) Explicitar como a educação brasileira aborda as soluções relacionadas ao problema educacional e ou social de violência escolar. O questionamento circundou pela inquietação: Quais práticas pedagógicas devem ser aplicadas na perspectiva intercultural e de(s)colonial diante do atual cenário educacional brasileiro? Para tanto, a pesquisa qualitativa deu-se através de revisão bibliográfica e levantamento noticiário sobre os casos de violências nas instituições educativas. Conclui-se que as diferentes formas de violência escolar precisam ser combatidas com práticas pedagógicas efetivas para a humanização.

Palavras-chave: De(s)colonialidade; Educação; Humanização; Práticas Pedagógicas; Violência Escolar.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar el escenario educativo actual frente a la violencia en la institución escolar desde una perspectiva transformadora de la interculturalidad y la de(s)colonialidad. Con investigaciones divididas en tres categorías: I) Mapeo de los índices y tipos de violencia escolar tras la aplicación del Plan Nacional de Educación en Derechos Humanos; II) Excavar prácticas pedagógicas que combatan la actual situación de violencia en el aula; III) Explicar cómo la educación brasileña aborda soluciones relacionadas al problema educativo y/o social de la violencia escolar. La pregunta estuvo rodeada de preocupación: ¿Qué prácticas pedagógicas deberían aplicarse desde una perspectiva intercultural y de(s)colonial en el actual escenario educativo brasileño? Para ello se realizó una investigación cualitativa a través de una revisión bibliográfica y levantamiento de noticias sobre casos de violencia en las instituciones educativas. Se concluye que las diferentes formas de violencia escolar necesitan ser combatidas con prácticas pedagógicas efectivas para la humanización.

Palabras-chaves: Descolonialidad; Educación; Humanización; Prácticas Pedagógicas; Violencia Escolar.

Abstract: This article aims to analyze the current educational scenario regarding violence in schools from a transformative perspective of interculturality and de(s)coloniality. The research was divided into three categories:

[1] Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/CERES). E-mail: celeste.aurora.144@ufrn.edu.br
[2] Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Direitos Humanos na UFPE (PPGDH/PE) 2024. Graduada em PEDAGOGIA (LICENCIATURA) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Lotação Centro de Ensino Superior do Seridó (UFRN/CERES) em 2023. E-mail: daymayaralopes@gmail.com

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

I) Mapping the rates and types of school violence after the implementation of the National Plan for Education in Human Rights; II) Examining pedagogical practices that combat the current situation of violence in the classroom; III) Explaining how Brazilian education approaches solutions related to the educational and/or social problem of school violence. The question was: What pedagogical practices should be applied from an intercultural and de(s)colonial perspective in view of the current Brazilian educational scenario? To this end, the qualitative research was carried out through a bibliographic review and news survey on cases of violence in educational institutions. The conclusion is that the different forms of school violence need to be combated with effective pedagogical practices for humanization.

Keyword: De(s)coloniality; Education; Humanization; Pedagogical Practices; School Violence.

INTRODUÇÃO

A categoria "violência escolar" é uma importante discussão posta na sociedade atual brasileira. Em 2023, muitas notícias acerca de atos de violências no âmbito do sistema educacional escolar em nosso país circunda os telejornais. Pensar a escola tende a ser complexo e adentra a todos os aspectos que envolvem a humanidade e seu viés imperfeito. O medo prevalece através do sistema de opressão imposto desde a escravidão instaurada no Brasil.

Para combater o problema de violência nas escolas é necessário refletir sobre ela, colocá-la em análise e publicar resultados destas análises para atenuar e avançar nas possibilidades de transformação desta realidade. Por este motivo, justifica-se a pesquisa aqui descrita pela urgente necessidade de ação na luta em construção de uma sociedade mais humanizadora, pacífica e com condições dignas de vivências equitativamente entre os sujeitos de cada território de nosso país.

O artigo traz objetivamente: analisar o atual cenário educacional diante da violência na instituição escolar por um viés transformador de interculturalidade e de(s)colonialidade. A pesquisa atenta a três objetivos específicos: I) Mapear os índices e tipos de violência escolar após a aplicação do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos; II) Escavar práticas pedagógicas de embate a conjuntura atual de violência no chão da sala de aula; III) Explicitar como a educação brasileira aborda as soluções relacionadas ao problema educacional e ou social de violência escolar.

Questiona-se a seguinte interrogativa: Quais práticas pedagógicas devem ser aplicadas na perspectiva intercultural e de(s)colonial diante do atual cenário educacional brasileiro? Para responder a tal inquietação, realizamos estudos e pesquisas textuais com referenciais voltados para a temática encontrados na internet através do Google, Google Acadêmico, Scielo e outras plataformas de disponibilização de textos em pesquisas anteriormente realizadas por outros estudiosos.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Constata-se ao longo do estudo aqui explicitado, que a violência ainda é muito presente nas escolas mesmo após a implementação do PNEDH, afetando desde docentes à discentes, o que resulta em um grande desafio para o fazer pedagógico. A violência, no fim das contas, afeta a todos (as), por ativar o que há de mais desumanizador em cada um e em cada uma, escancarando o sofrimento advindo da servidão que ainda notoriamente persegue o cotidiano dos brasileiros.

A educação é um caminho em que muito pode ser articulado em contraposição ao que está garantido como a subalternidade destacada na política que permeia o modus operandi da sociedade. A cultura da paz pode ser espalhada através das escolas e suas respectivas práticas pedagógicas em ascensão. Tais práticas adentram as casas das pessoas e constroem caminhos de mudanças. O importante é entender que todos e todas aprendemos mutuamente e continuamente, abrir-se para o ouvir ativamente pode ser a alternativa, a solução.

METODOLOGIA

O artigo segue uma metodologia em sistema de leitura e fichamento de textos já publicados acerca do tema, assim como, diálogos e pesquisa elaboradas pelas autoras de modo simples e rápido na obtenção de visão basilar acerca da violência escolar de colegas que estudam no Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF/UFRN). A visão dos colegas aparece na nuvem de palavras durante o artigo e endossam a discussão fortalecendo o aprofundamento teórico e epistemológico posto ao longo de todo o texto.

Realizamos, pois, pesquisa bibliográfica que conforme Gil (2002), "[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Juntamente ao percurso metodológico exposto, uniremos a Análise do Conteúdo (BARDIN, 2012) que tem por objetivo, fomentar a crítica à pesquisa qualitativa aqui proposta. Realiza-se quatro fases: 1) estudo bibliográfico (perspectiva científica); 2) seção prática (questões abertas ao público seleto); 3) métodos de análise (organização e categorização) e 4) técnicas de análise (análise categorial reflexiva).

A análise aparece durante todo o escrito representando a sistematização da discussão e seus resultados com foco no que é estudado e no pensar reflexivo das autoras. Pontua-se um percurso metodológico elaborado em livre concepção de revisão de conhecimentos e fatos. Pois mesmo com a utilização de referenciais, adere-se ao olhar crítico e individual das escritoras, na busca por aprendizagem e construto educativo acadêmico e proposição eventual.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

O PNEDH E A VIOLÊNCIA DENTRO DAS SALAS DE AULA: UMA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA ATUALIDADE

A conjuntura social está imersa em direitos e deveres garantidos pela luta histórica de agentes transformadores da realidade, suas ações respaldam - entre tantas outras virtudes - na garantia da educação e da dignidade humana. Contudo, como pode as escolas funcionarem na concretização do direito à educação digna, se diante de tantas violações sociais, refletem no chão de sala de aula a violência?

O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos - PNEDH começou a ser construído no ano de 2003 sendo finalizado em 2006 após um longo processo de trabalho advindo de colaborações diversas. O documento dimensiona "a afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos direitos humanos em todos os espaços da sociedade" (Brasil, PNEDH, 2007, Art. 4º - II), apoiada entre seus eixos de atuação a Educação Básica, Educação Superior, Educação Não-Formal, Educação dos Profissionais dos Sistema de Justiça, Segurança, Educação e Mídia. Nesse viés, o princípio de uma educação digna já se encontra legalizada, mas necessário se faz analisar a prática educativa em sua realidade, fora das palavras presas em um papel.

No Brasil a educação está muito ligada a problemas estruturais sérios, enfrentados durante gerações e a violência é uma delas. A pesquisa realizada volta olhar para como está o índice de violência nas escolas após a implementação do PNEDH referindo-se em especial nos últimos quatro anos de 2019, 2020, 2022 e 2023, através de levantamento de dados disponibilizados na Plataforma Google em sites oficiais de notícias como: "Senado Notícias", "G1 Globo", "Agencia Brasil", "Politize", "UOL", "Agência Gov", "TV Cultura", com agentes à frente da educação como MDHC, OCDE e MEC.

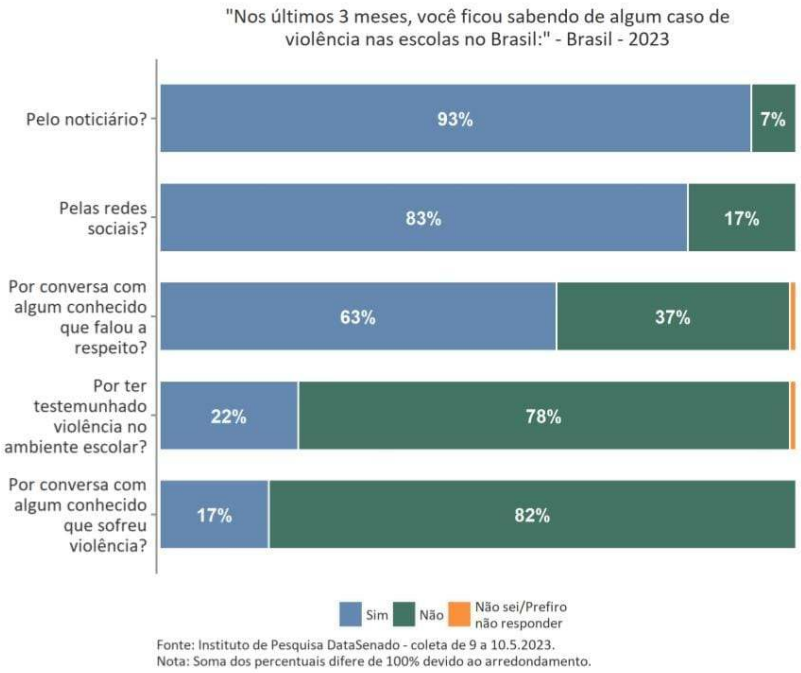
De acordo com a pesquisa levantada pelo Instituto de Pesquisa DataSenado correspondente ao ano de 2023, dos entrevistados (59,8 milhões de estudantes brasileiros no total) 6,7 milhões passaram por alguma experiência de violência escolar, representando 11% do total de estudantes do país. As ações de entrevista não se restringem somente às pessoas que infelizmente sofreram com a violência escolar, mas também lança olhar para os praticantes, logo, o estudo demonstra que 10% dos brasileiros admitem já terem cometido bullying. O relatório completo pode ser acessado pelo site do Senado.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Situações de violência escolar é um verdadeiro desafio estrutural, principalmente diante do sistema educativo que busca por cumprir com os princípios educacionais postos no PNEDH e em outros documentos de relevância. Infelizmente esse contexto não pode estar silenciado ou ser minimizado como uma normalidade na cotidianidade, o gráfico a seguir esclarece o quanto a mídia em seus índices escancara esse fato, mas, como também pode tornar-se uma ferramenta em prol da educação (eixo de atuação do PNEDH).

IMAGEM 1 – GRÁFICO DISPONIBILIZADO PELO INSTITUTO DATASENADO.



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado, coleta de 9 a 10.5.2023.

O gráfico acima busca testemunhar os casos de violência, analisando como esses chegam até as pessoas, seja por presenciar o fato ou através de outros meios como a mídia. Nota-se que em grande porcentagem: 93% (noticiário) e 83% (redes sociais), são as formas que a população se vê alertada sobre tal cenário escolar. Ressalta-se que, parte considerável da população brasileira não frequenta mais a instituição educativa, mas seus filhos, netos, conhecidos estão passando por esse meio formador, logo, a internet é um grande feito para com a propagação dos fatos escolares, mobilizando toda a população brasileira para a consciência e inquietação diante da realidade.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Além disso, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE em seu levantamento global (2019) demonstra o Brasil entre um dos países com ranking alto com relação às agressões contra professores - sendo a pesquisa realizada com 250 mil professores e líderes escolares entrevistados de 48 países ou regiões, o mesmo apontou que o bullying e a agressividade acabaram sendo "normalizados".

A violência escolar se manifesta atrelada a diversas raízes contorcidas em nossa sociedade, uma delas é o racismo, advindo de um país colônia praticante da escravização e um dos últimos países a abolir tal prática. Fato noticiado pela TV Globo - G1, demonstra a vivacidade de tal mazela na instituição escolar em reportagem: "Ataque com faca em uma escola estadual de São Paulo que deixou uma professora morta e mais quatro pessoas feridas jogou luz sobre violência nas salas de aula do país. "

> Segundo o relato de um estudante, o agressor, há alguns dias, xingou um colega de "preto" e "macaco", o que gerou uma briga entre eles. A professora Elisabete Tenreiro, de 71 anos, foi a responsável por separá-los. O agressor, então, a ameaçou de vingança (G1 Globo, 2023).

O desrespeito para com as características do outro não é só uma ofensa para com o indivíduo, mas também a toda uma cultura entrelaçada à nossa constituição social. Historicamente acontece a humilhação, escravização e inferiorização de outras culturas, povos e nações, atitudes de violência como essa são um reflexo desse passado em atitudes e posturas que ainda prevalecem na atualidade. Nossa Constituinte de 1988, esclarece em seu Art. 3º inciso IV como objetivos fundamentais o "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação". Para isso, precisa-se educar as nossas gerações, mostrar que seus traços são nossa história e riqueza, valorizando as nossas diferenças.

Ressalta-se que a violência no ambiente educacional envolve docentes e discentes. De acordo com a página, Politize:

> Uma das professoras entrevistadas pela Folha de São Paulo conta que, ao tocar o sinal para o intervalo, ela segue para o pátio junto aos alunos, o que não precisava ser feito antes da pandemia de Covid-19, quando podia seguir para a sala dos professores, como de costume. Porém, desde janeiro de 2022, os docentes deixaram de ter seus 15 minutos de descanso, pois precisam estar com os estudantes a fim de evitar brigas (POLITIZE, 2023).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Assim, na práxis educativa humanizadora, é lançado olhar para a preocupação com a existência do ser no mundo, no entanto nosso sistema ainda é desigual e aplicador de uma educação bancária. Como aborda o educador, Paulo Freire, a educação bancária é o conhecimento depositado, logo, onde fica a diversidade dialógica-reflexiva? O Brasil é um país independente, mas sua história advém de uma série de violações, a descolonização vem acompanhada de um novo colonialismo moderno, e isso está posto nos livros didáticos, a partir do momento que escrevemos "escravo" ao invés de "escravizados", a partir do momento em que não são apresentados (as) atrizes e autores negros, em que o tupinambá ou caiapós, entre outros povos, não aparecem nos textos didáticos. Então, que humanização é essa que não mostra o nosso povo? A violência racista e discriminatória está aí para nos mostrar a falha do nosso sistema educacional que urgentemente precisa ser melhorado. Logo,

> Uma das condições fundamentais é tornar possível o que parece não ser possível. A gente tem que lutar para tornar possível o que ainda não é possível. Isso faz parte da tarefa histórica de redesenhar e reconstruir o mundo (FREIRE *apud* CORTELLA, 2011).

Diante do levantamento de dados noticiados, constata-se que a violência é uma ação agravante nas escolas durante os anos. A Educação é um espaço de interação e construção, no entanto, também é um espaço vulnerável a reproduzir práticas sociais já existentes. Logo, além de um amparo de segurança dentro das escolas, deve-se ter atenção aos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, assuntos/conteúdos abordados nas modalidades disciplinar de língua portuguesa, matemática, história, geografia, dentre outros, na qual podem e devem trazer em sua didática e forma de ensino uma educação mais concreta com a realidades dos educandos. Pois, desigualdades, diversidades, desafios e diferenças não ficam fora do alcance aos muros da escola, nesse sentido é necessário analisar o que é a violência e quais seus tipos em prol de seu enfrentamento.

QUAIS TIPOS DE VIOLÊNCIA SE FAZEM PRESENTES NO AMBIENTE EDUCACIONAL?

O ambiente educativo está imerso em diversos tipos de violência, se apresentando de diferentes formas dependendo dos autores envolvidos e o contexto. Mas, antes de tudo, como definir a violência? Como uma prática violadora para com si ou outrem que perpassa desde os tempos coloniais às gerações sociais? Uma ação desumanizadora? Ou será que a violência é

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

uma ação violadora de direitos manifestada pela existência prévia de uma situação já existente de violação? Percebe-se que diante de uma simples busca por definição, percorremos diversos aspectos histórico-sociais, políticos, filosóficos, culturais para chegar a uma consciência significativa da palavra. Logo, definir a violência, é estar ciente de diversos aspectos que este termo carrega. Para a Organização Mundial da Saúde, a violência é caracterizada como:

> O uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (OMS, 2002).

O uso da força física ou do poder como esclarece a Organização Mundial de Saúde, diante de um grupo é algo constante em nossa dinâmica social. A escola, espaço formativo do ser cidadão, está imersa em males oriundos do contexto social e nem sempre está preparada para as variáveis desse processo formador. As crianças, jovens e adolescentes vão à escola para aprender, em um mundo cada vez mais complexo, e na sua socialização reproduzem hábitos, atitudes, expectativas e valores de uma geração. E como diz o educador, Paulo Freire, é o professor na sala de aula e fora dela, que codifica, reafirma, negocia, cria a resolução de saberes, interferindo para com a prática, em uma postura vigilante com as ações de desumanização, com uma atividade pedagógica permeável a mudanças. Logo, "cremos que a função insubstituível da educação é de ordem política, como condição à participação, como incubadora da cidadania, como processo formativo" (DEMO, 1988).

Posto isso, quais são os tipos de violência presentes no ambiente escolar? Primeiramente, "a violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar" (CHARLOT, 2002). De certo, está ocorre envolvendo a todos (as) os (as) que se fazem presentes, desde professores a estudantes e outros funcionários. Diante da pesquisa realizada para identificação dos tipos de violência presentes no âmbito escolar, percebe-se que estas envolvem dois aspectos entrelaçados, o físico e o psicológico. Os efeitos causados ao físico afetam diretamente o psicológico, assim como questões psicológicas podem levar a violência física, como as mutilações, o uso de drogas, o bullying e etc.

Ademais, buscar entender cada uma dessas variáveis de violência, determinando suas causas e consequências, é o começo para um posicionamento combativo atrás de soluções educativas e assistivas, neste trabalho lançaremos olhar especial para uma questão de(s)colonial diante da violência. Mas, como cobrar das crianças um mínimo de respeito para com o outro e

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

consigo próprio, se o próprio sistema machuca e viola? É acreditar que por mais que a escola não seja a única mobilização necessária para se mudar essa prática, que ela deve e pode fazer a sua parte, pois como diz Freire:

> Quanto maior se foi tornando a solidariedade entre mentes e mãos, tanto mais o suporte foi virando mundo e a vida, existência. O suporte veio fazendo-se mundo e a vida, existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não "espaço" vazio a ser enchido por conteúdos (FREIRE, 1996).

A seguir apresenta-se uma nuvem de palavras com os tipos de violência destacados a partir de uma pesquisa rápida elaborada com participantes do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF/UFRN) por meio do WhatsApp especificamente para esse estudo:

IMAGEM 2 – NUVEM DE PALAVRAS: OS TIPOS DE MANIFESTAÇÃO DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS.



Fonte: Autoras, 2024.

A nuvem de palavras acima é um meio ilustrativo que propicia uma visão mais geral e unida dos fatos. A mesma contou com a participação das autoras e de integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF/UFRN) para a colocação dos tipos de violência percebidos nas escolas. Ressalta-se que quanto maior o tamanho da palavra, maior

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

foi sua frequência de colocação pelos (as) participantes. Assim, na apresentação dos resultados temos em evidência a violência física, caracterizada pelo uso da força física em uma conduta que fere a integridade corporal do outro, e a violência psicológica com condutas que afetem o emocional ou as atitudes do indivíduo, realizada através de intimidação, ameaças, humilhações, chantagens ou comparações.

Segundo Freire (2003) "o homem moderno está esmagado por um profundo sentimento de impotência que o faz olhar fixamente, como que paralisado, para as catástrofes que se avizinham". Essa paralisação diante da violência se explica por intermédio da subserviência ao qual se propõe o sujeito na pirâmide de valores sociais em que cada um e cada se encontra ou se percebe. Ou seja, o lugar que se ocupa diante do sistema capitalista fortalecedor da opressão e valorizador do sofrimento e da meritocracia.

A humanização existe na afirmação do sujeito como pertencente ao sistema e proponente do mesmo, como potencializador de toda e qualquer mudança, como ativo. Essa visão e responsabilidade aparece a partir da consciência política que deve ser estabelecida em ensinática pela educação sistemática escolar nacional. Mas, não é tarefa fácil porque rompe com tudo o que é ensinado desde a relação familiar até a relação profissional do sujeito ao longo de sua vida.

Freire elenca a categoria amorosidade como essência ao perceber-se em humanização. O amor provoca transformação da desumanização em humanização, virada de posição, inversão positiva de valores. Por mais que pareça simplesmente utopia, também é realidade. A luta por vida digna é amor à vida, amor a si e amor ao outro, pois destaca os direitos humanos para a possibilidade de concretização de sonhos e objetivos, de casa, comida, respeito e educação de qualidade.

Paulo Freire (2003) constata que o desamor “(...) É a armadura, acrescentemos nós a que o homem se escraviza e dentro da qual já não ama. (...) Percebe apenas que os tempos mudam, mas não percebe a significação dramática da passagem, se bem que a sofra. Está mais imerso nela que emerso”. Logo, a intervenção é aguardada nas práticas educativas combativas à violência humana instaurada na desvalorização de si e do outro.

Diante do diálogo aqui descrito, o bullying não pode passar por despercebido, pois esta prática tanto abarca questões físicas quanto psicológicas, podendo a sua situação envolver diversas questões de gênero, etnia, cultura, fisionomia, envolvendo práticas de racismo e discriminação. Em uma análise, o bullying reduz a aprendizagem e o desempenho escolar,

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

afetando a saúde física e mental dos envolvidos. Então, uma educação não violenta é o enfrentamento à natureza humana que encarna o preconceito, o xingamento, a agressão física e psicológica e a morte que pode ser provocada no ato de violar o diferente de si mesmo.

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UM PROBLEMA EDUCACIONAL OU SOCIAL?

A vida exige a interação entre o ambiente e os sujeitos que nele vivem. É na sociedade que as relações são construídas e junto com elas valores positivos e negativos do âmbito humano existencial. As pessoas e seu ambiente estabelecem integração, sendo a integração uma posição de reconhecimento de valores. Aquilo que se é valorizado, é o que se deseja cuidar, zelar e amar em atitude.

A violência aparece inicialmente no pensar, falar e agir dos indivíduos em seus locais de convivência. Ela pode se iniciar na escola, assim como na rua ou na família a depender de cada caso, mas, de fato está posta na estrutura opressora capitalista, racista, escravista a qual se respalda a cotidianidade dos indivíduos que nela existem, vivem, convivem e constroem novas maneiras de lidar com o coletivo a partir de cada situação exposta em seu dia a dia.

Novas contribuições ao sistema de comportamento em coletivo são articuladas processualmente nas relações entrelaçadas pela vida. E consequentemente, as influências no desenvolvimento do homem e da mulher aparecem a cada ir e vir e em cada espaço, lugar de atuação. Assim como na família e na escola, as crianças e adolescentes experienciarão situações que exigirá o pensar reflexivo ou solucionar. Este solucionar pode incutir a violência que existe em cada sujeito desde seu convívio com alguma violência anterior.

De acordo com (BRONFENBRENNER, 2011; DINIZ; KOLLER, 2010), a família e a escola são fundamentais para qualquer mudança no desenvolvimento dos estudantes e envolvidos no seio da sociedade. Para que este desenvolvimento aconteça, é importante o conhecimento e o equilíbrio de valores coletivos para o bem, a paz e a humanização do viver. As variadas manifestações de violência na escola, no meio familiar e social em geral, ressaltam a urgência do afeto, da proximidade (BRONFENBRENNER, 2011) entre os pares (mãe, filho, pai, amigos, companheiros, entre outros tipos de categorias de relação próxima cotidiana).

Os vínculos de conexão das relações entre as pessoas, mostram a importância do conceito de proximidade (BRONFENBRENNER, 2011) no estabelecimento de aprendizagem mútua, de compartilhamento de saber e garantia de mudança com a problematização dos fatos,

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

acontecimentos, compreensões e reflexões, assim como a busca das soluções para cada problema social e consequentemente educacional.

EDUCAÇÃO E O COMBATE À VIOLÊNCIA NAS SALAS DE AULA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Diante de tudo aqui explicitado, quais práticas pedagógicas devem ser aplicadas diante deste cenário? Este trabalho lança olhar para uma pedagogia intercultural e de(s)colonial. Uma vez que a violência pode manifestar-se diante das diferenças, didatizar que a mesma não é o único problema a ser superado, mas sim, muitos outros que estão coadunados como as desigualdades. É promover processos sistemáticos de diálogo entre diferentes grupos socioculturais, no reconhecimento dos diferentes sujeitos e trabalhar com processos educacionais capazes de reconhecer e de desconstruir esse processo colonial que está sempre inferiorizando.

Primeiramente, entende-se por de(s)colonização, como um termo que impede o pensar da inexistência da colonialidade, exigindo o lidar com a nossa "herança" colonial. Colocando o pensar com o "a partir de". A violência escolar é um exemplo que nos mostra a impossibilidade de se desfazer das nossas origens histórico-sociais. Precisa-se trabalhar as nossas origens e respeitar a nossa diversidade, as salas de aula nos mostram constantemente essa riqueza de individualidades, logo, o projeto de(s)colonial na rotina educativa contribui para a percepção do "porquê" da violência escolar, analisando-se a sua origem e intervindo em seus aspectos e fatores que a desencadeiam.

As práticas pedagógicas que podem vir no encontro desta descolonialidade podem ser construídas ao ouvir seriamente e ativamente os estudantes. Construir a educação com o educando é o primeiro passo para desconstruir todo processo de colonização e de violência advinda com este. Pois colonizar significa inferiorizar, escravizar, maltratar, violentar de diferentes formas, incluindo a morte física e espiritual dos sujeitos envolvidos.

Viabilizar a nossa riqueza cultural é falar do ocorrido, é deixar as aprendizagens fruto desses diversos contatos culturais a evidência, mostrar as nossas raízes tortas do jeito que são, pois são elas que sustentam toda uma grandeza de mudança e transformação, que frutifica até as próximas gerações. O que faz-se pensar: a violência imersiva ao racismo e descriminação é uma ação inconsciente de práticas passadas? Se sim, precisa-se conscientizar para o pesar da moral coletiva.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

A cultura aparece no ato de educar para a cidadania e combate a qualquer forma de violência imposta no sistema. Educar no respeito ao específico de cada grupo, a seus valores e ao fortalecimento de valorização das diferenças como fator humanizador e transformador de pensamento mesquinhos. As práticas pedagógicas nesta direção dizem respeito à mudança curricular adaptada a cada história e ou às diversas histórias individuais e coletivas em grupos menores, maiores e em grupo geral integrador. A escola é essencial neste alavancar pedagógico crítico reflexivo.

Para tanto, a construção de práticas dialógicas e crítico-reflexivas têm exponencial relevância no fazer didático pedagógico protagonista e libertador. Para isso é preciso:

> ...descolonizar o conhecimento científico escolar, descolonizar a escola, descolonizar o currículo, descolonizar as relações sociais, descolonizar as relações políticas, descolonizar as relações econômicas e descolonizar as relações afetivas atravessadas pelo território escolar, acadêmico e todo o tecido social (PAIM; ARAÚJO, 2018).

Consequentemente, está acaba por envolver a interculturalidade, ampliando espaços para as vozes antes silenciadas, ampliando suas histórias de resistência, na construção identitária. É mostrar para a violência que a luta se faz presente nos pátios da escola, em suas salas, banheiros e quadras. Estando a violência na corporeidade humana, se faz imprescindível acreditar no fazer politizador. Um esperançar no atuar em via de uma cultura cidadã, solidária e descolonial tendo a escola como fonte de transformação social.

SUGESTÕES PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COMBATIVAS

Exponencialmente percebe-se ao longo do artigo que a educação e sua práxis necessita abordar a não violência no contexto escolar. Para tal, sugerimos algumas ações práticas que podem ser realizadas pelos educadores no ato de provocar sugestivamente a mudança do olhar colonizador violento para o olhar humanizador e pacífico:

- Proporcionar atividades lúdicas que abarquem a pesquisa guiando o estudante de todas as idades a se posicionar no ambiente de seu viver cotidiano em ação reflexiva;
- Convidar a população para dentro da escola através de projetos que unam a sociedade à sala de aula, facilitando a dialogicidade e o combate a violência pela ação contrária a silenciosidade;

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

- Trabalhar a categoria "Cultura de Paz" com os estudantes mediante elaboração de projeto de resolução de conflitos pontuados pelos próprios educandos a partir de sua realidade familiar e social;
- Problematizar a educação e suas falhas, propiciando espaços de denúncia no ambiente educacional escolar local, a fim de construir um espaço melhor de convívio em sistemática de aprendizagem para todos os envolvidos.

Essa lista pode abrir a mente para diferentes ideias em distintos setores da escola e nas diversas séries do setor educativo, incitando o combate a violência instaurada na sociedade como um todo e nas instituições de ensino pelo país. Escrever sobre a prática colabora com a reflexão e com a transformação, ou seja, ao realizar atividades de prática deve-se relatar e espalhar pelo mundo através da publicação de escritos (resumos, relatos de experiência, artigos, textos para apresentações em eventos). Estudar para aprender e aprender para estudar é a máxima que caminha com a libertação da violência escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a ideia, descolonizar sempre convida a refletir sobre a historicidade da vida humana em cada local. O estudo aqui posto adentra à desconstrução do modus operandi do atual sistema educacional instaurado no país. Pois este é violento, desumano, colonial e opressor. Neste artigo, pontua-se um importante diálogo com a esperança para mudar a realidade de violência em cultura de paz.

A violência na escola parte da violência no âmbito social advinda do processo histórico das terras brasileiras. Perceber e demarcar esta violência, assim como os tipos de violência que estão nas instituições de ensino pelo país, estimula a busca por soluções e efetiva ação para concretização destas soluções. A solução sempre se inicia com alguma justificativa, algum (alguns) sujeito (sujeitos) e adianta a sistematização para sua efetivação.

Os tipos de violência que aparecem no artigo são: Violência Física e Psicológica, Violência Sexual, Violência Estrutural, Violência Simbólica, Violência de Gênero, Bullying, Assédio Moral, Discriminação, Violência Normativa, Moral, Racismo, Violência Verbal, Violência Velada, Violência Linguística. Essas violências estão respaldadas pela opressão e a falta de amor entre as pessoas. E sugerem a intervenção da educação como prática

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

verdadeiramente transformadora. A escola caminha unida ao comunitário e possui independência ativa.

A educação repete e reforça o discurso e a ação violenta da sociedade, mas, pode ser a maior fonte de iniciativa para uma mudança sem precedentes em escalas nacionais e que possam atingir o mundo. Pois uma mudança local se espalha através dos sujeitos que não ficam parados e espelham outras possibilidades em diferentes espaços nacionais e internacionais. Para potencial revolução sistemática social, é substancial a influência das práticas pedagógicas pontuais e propositivas.

Práticas pedagógicas que combatam a violência escolar constroem o percurso que assegura a relevância ao viver em humanidade. Mas, como construir a pedagogia da liberdade em cima da pedagogia do conteúdo? A resposta pode eventualmente se engendrar em nova pesquisa. A questão é que escrever e estudar podem revolucionar a vida, logo, pode-se combater a violência com atenção ao percurso educativo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2012.

BRASIL, Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 03 mar. 2024.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Tradução: André de Carvalho Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologia,** v.8, n. 4, p.432-443, jul./ dez. 2002.

CORTELLA, Mário Sergio. Paulo Freire: um pensamento clássico e atual. **Revista e-Curriculum**, São Paulo: PUC-SP, v. 7, n. 3, dez. 2011. Edição especial de aniversário de Paulo Freire. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum. Acesso em: 03 mar. 2024.

DEMO, Pedro. **Participação é Conquista**. São Paulo: Cortez, 1988.

DINIZ, Eva; KOLLER, Silvia Helena. O afeto como processo do desenvolvimento ecológico. **Educar,** Curitiba. n. 36, p. 65-76, 2010.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 23ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

DINIZ, Eva; KOLLER, Silvia Helena. **O afeto como processo do desenvolvimento ecológico**. Educar, Curitiba. n. 36, p. 65-76, 2010.

HENRIQUE, Layane. **Por que os casos de violência escolar têm aumentado?** Politize, 2023. Disponível em: https://www.politize.com.br/violencia-escolar/. Acesso em: 03 mar. 2024.

PAIM, Elison Antonio.; ARAÚJO, Helena Maria Marques. **Memórias Outras, Patrimônios Outros e Decolonialidades**: Contribuições Teórico-metodológicas para o Estudo de História da África e dos Afrodescendentes e de História dos Indígenas no Brasil. *Education policy analysis archives*, [S.l.], v. 26, p. 92, july, 2018.

PORTAL G1. **Brasil tem histórico de alto índice de violência escolar**: veja dados sobre agressão contra professores. Portal G1, 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/27/brasil-tem-historico-de-alto-indice-de-violencia-escolar-veja-dados-sobre-agressao-contra-professores.ghtml. Acesso em: 19 fev. 2024.

SENADO FEDERAL. Relatório Executivo – 06/2023. **Violência nas Escolas**. Brasília: Senado Federal. Instituto de Pesquisa DataSenado. 2023. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/relatorio_violencianasescolas_flavioarns_resumo.pdf Acesso em: 03 mar. 2024.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.317
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional